

# A literatura infantojuvenil contemporânea e a formação do leitor nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

*Contemporary juvenile literature and the development of readership in the early years of  
Elementary Education*

ANA CLARA ALMEIDA  
Discente de Pedagogia (UNIPAM)  
anaclaraalmeida20@unipam.edu.br

FABIANA FERREIRA DOS SANTOS  
Professora orientadora (UNIPAM)  
fabianafs@unipam.edu.br

---

**Resumo:** A formação de leitores autônomos e críticos é responsabilidade essencial da Educação Básica. Desse modo, o presente trabalho investiga como, de modo específico, a literatura infantojuvenil contemporânea pode favorecer a formação de leitores ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse viés, foram observadas orientações curriculares direcionadas aos educadores pela BNCC (2017) e considerados estudos de pesquisadores como Freire (2011), Cosson (2022) e Zilbermann (1994), que consideram a relevância do letramento literário e da leitura literária para o desenvolvimento dos estudantes e formação cidadã. Para a aproximação entre os textos e os possíveis leitores, foi observado o papel do mediador como aquele que não apenas apresenta obras literárias de qualidade ao estudante, mas também lê junto e apoia o desenvolvimento de estratégias de leitura. Além disso, foram feitos breves apontamentos sobre a obra de três autoras premiadas, Ana Maria Machado, Eva Furnari e Ruth Rocha, exemplificando o valor da literatura infantojuvenil brasileira contemporânea para a formação do leitor nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por fim, foram apresentadas práticas pedagógicas com potencial para impulsionar o trabalho com o texto literário e a formação do leitor no Ensino Fundamental, entre elas a oficina pedagógica.

**Palavras-chave:** formação do leitor; letramento literário; literatura infantojuvenil; literatura contemporânea.

**Abstract:** The development of autonomous and critical readers is an essential responsibility of Basic Education. Thus, this study investigates how contemporary juvenile literature can specifically promote the formation of readers throughout the early years of Elementary Education. In this context, curricular guidelines provided to educators by the BNCC (2017) were examined, alongside studies by researchers such as Freire (2011), Cosson (2022), and Zilbermann (1994), who highlight the importance of literary literacy and literary reading for student development and civic formation. The role of the mediator was analyzed as a key figure who not only introduces students to high-quality literary works but also reads with them and supports the development of reading strategies. Additionally, brief observations were made about the works of three award-winning authors, Ana Maria Machado, Eva Furnari, and Ruth Rocha, exemplifying the value of contemporary Brazilian children's and young adult literature for

developing readership in the early years of Elementary Education. Finally, pedagogical practices with the potential to enhance work with literary texts and foster readership development in Elementary Education were presented, including the implementation of reading workshops.

**Keywords:** readership development; literary literacy; juvenile literature; contemporary literature.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura é manifestação artística que lança mão do texto escrito para ressignificar a realidade, explorando ideias, sentimentos, sensações, ensinamentos, perspectivas e aspectos da cultura. Desse modo, assume papel importante na formação de identidades, tanto individuais quanto coletivas. Como arte da linguagem, a literatura tem por finalidade a expressão estética, ou seja, o texto é trabalhado pelo autor de modo minucioso a fim de alcançar uma composição notável. A literatura abrange uma variedade de gêneros textuais, cada um com suas características e objetivos próprios, assumindo diferentes papéis, como o de ensinar, provocar reflexões, desenvolver o pensamento crítico, favorecer o entendimento de emoções ou simplesmente entreter os indivíduos.

A leitura de textos literários pressupõe o letramento literário, que envolve não apenas decodificar a palavra escrita, mas também interpretar, compreender e apreciar as obras literárias, fazendo com que tenham um significado para o indivíduo que lê. Além disso, envolve a habilidade de contextualizar o texto lido dentro de um ambiente histórico e social. Para haver o letramento literário, é necessário compreender as sutilezas do texto e da linguagem literária, ler e entender entrelinhas e conseguir fazer reflexões críticas a partir da leitura. Na Educação Básica, os docentes devem colaborar diretamente para o desenvolvimento do letramento literário e para a formação de leitores assíduos e engajados. Conforme documentos oficiais que norteiam a prática pedagógica em nosso país, a formação de leitores proficientes é um dos principais compromissos da Educação Básica. Assim, é essencial que, desde a licenciatura, os futuros docentes possam refletir sobre a relevância do texto literário e sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas que tenham por foco a literatura.

No cenário educacional, o professor deve ser um modelo de leitor para seus alunos, influenciando-os positivamente nessa aproximação com os livros. Para tanto, faz-se necessário que o docente tenha sólido hábito da leitura, que leia diversos textos, de diferentes gêneros literários e esteja sempre atualizado sobre obras contemporâneas e discussões que permeiam o círculo da literatura. A partir do exemplo oferecido pelo professor, os alunos despertam maior interesse pelo universo da leitura e, conseqüentemente, fortalecem comportamentos leitores.

Para que possa ser estabelecida essa boa relação entre as crianças e o texto literário, faz-se necessário um trabalho sistemático com obras de qualidade e autores. No curso desta investigação, foi realizado estudo analítico e bibliográfico que buscou evidenciar como a literatura contemporânea infantojuvenil pode contribuir para a formação do leitor autônomo e crítico nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, foram foco de análise as orientações curriculares disponíveis na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) acerca da abordagem do texto literário e da formação do

leitor. Também foram incorporados à pesquisa estudos de autores relevantes como Paulo Freire, Magda Soares, Rildo Cosson e Regina Zilberman acerca da leitura e do letramento literário em ambiente escolar. Três autoras brasileiras renomadas de literatura infantojuvenil contemporânea foram consideradas, exemplificando a literariedade e o valor dessa modalidade de textos para planejamentos que tenham por foco práticas de leitura e formação do leitor: Ana Maria Machado, Eva Furnari e Ruth Rocha.

Tendo em vista a necessidade de atividades sistemáticas que favoreçam no cotidiano do Ensino Fundamental a formação do leitor, foram apresentadas práticas pedagógicas viáveis para a promoção do hábito e do prazer em ler, desde a infância. Em especial, o estudo tratou da oficina de leitura. As fontes teóricas que subsidiaram o trabalho confirmam a relevância da temática em estudo tanto para pedagogos em formação, quanto para profissionais que já atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Assim, espera-se responder às seguintes questões: a literatura contemporânea pode contribuir para a formação de leitores proficientes e críticos ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Como a literatura infantojuvenil contemporânea pode favorecer a formação de leitores ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Como devem ser organizadas as práticas pedagógicas que envolvam esses textos literários, nessa etapa de ensino, tendo em vista a formação de leitores?

Parte-se do pressuposto de que o trabalho com o texto literário infantojuvenil contemporâneo, em ambiente escolar, pode trazer inúmeras contribuições para a formação de leitores críticos, podendo favorecer a formação da competência leitora, de modo que os estudantes compreendam não apenas as linhas do texto, mas também suas entrelinhas, ou seja, intencionalidades e informações implícitas. Ao se promover essa inserção no mundo da leitura e da cultura escrita, poderão ser formados indivíduos críticos e políticos, cidadãos com participação e consciência social.

Quanto à organização de práticas literárias significativas em sala de aula, faz-se necessário que os professores conheçam e explorem diversos autores e textos, selecionando para o trabalho aqueles que mais se adequem à faixa etária, à realidade e aos interesses dos alunos. Também é importante que sejam utilizadas metodologias diversificadas, lúdicas e instigantes, favorecendo uma aproximação entre os pequenos leitores e o universo da literatura.

## **2 A BNCC E O ENSINO DE LITERATURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo homologado pelo Ministério da Educação em 2017 que define aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas para todos os estudantes ao longo da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Desse modo, tem por objetivo ser referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares, promovendo educação de qualidade, equitativa e inclusiva.

Na introdução do documento, são elencadas dez competências gerais que permeiam toda a BNCC, subsidiando no âmbito pedagógico os direitos de

aprendizagem e de desenvolvimento dos estudantes. A literatura surge contemplada especialmente na terceira competência geral: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2017, p. 7).

Na BNCC do Ensino Fundamental, em consonância com o também previsto anteriormente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a proposta apresentada para o componente Língua Portuguesa assume a centralidade do texto em atividades significativas e reflexivas de leitura, escuta e produção de textos. Nesse viés, considera-se que os estudantes devem demonstrar interesse e se sentir envolvidos pela leitura de obras literárias. Há ainda a indicação de que o trabalho com a literatura forme, durante a Educação Básica, leitores-fruidores, capazes de compreender todas as nuances do texto e de dialogar com as obras, vivenciando experiências estéticas próprias do literário.

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2017, p. 138).

Considerando a necessidade de ampliar possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e do pleno exercício da cidadania, uma das competências específicas para o componente Língua Portuguesa no Ensino Fundamental contempla especialmente o universo do literário:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2017, p. 87).

Na BNCC do Ensino Fundamental, a área de Língua Portuguesa organiza habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes em cinco campos de atuação: Vida Cotidiana, Artístico-literário, Práticas de Estudo e Pesquisa, Jornalístico-midiático e Atuação na vida pública. O Campo Artístico-literário, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, engloba habilidades relativas à formação do leitor literário, leitura colaborativa e autônoma, e apreciação estética. Esse campo é assim definido no documento:

Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros (Brasil, 2017, p. 96).

A expectativa da BNCC é que ainda na Educação Infantil seja ofertado um ambiente rico em interações e experiências de leitura, com crianças expostas a diferentes tipos de textos, inclusive literários, para estimular o interesse pela leitura e desenvolver habilidades iniciais de letramento. Para tanto, compreende a relevância da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a leitura de textos literários é considerada prática essencial para o desenvolvimento da fluência leitora, da compreensão textual e do prazer pela leitura.

A BNCC considera a necessidade de práticas pedagógicas que integrem a literatura infantojuvenil contemporânea, com suas narrativas envolventes e linguagem acessível, no cotidiano escolar. O documento considera que a leitura compartilhada de obras literárias em sala de aula permite que os alunos discutam e interpretem textos coletivamente, promovendo o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica e reflexiva. A implementação de projetos de leitura, que podem incluir clubes de leitura, oficinas e feiras literárias, por exemplo, incentiva os alunos a se envolverem ativamente com a literatura, ampliando seu repertório literário e suas competências leitoras. A BNCC reconhece também a importância das tecnologias digitais na educação contemporânea, já que a integração de e-books, audiolivros e outras mídias digitais pode tornar a literatura mais acessível e atrativa para os jovens leitores, além de desenvolver habilidades de letramento digital.

Ao valorizar práticas pedagógicas com o texto literário, a BNCC oferece um caminho para a formação de leitores críticos, criativos e comprometidos com a sociedade. A implementação da Base reforça que os profissionais da educação reconheçam o papel da literatura infantojuvenil na construção de um repertório literário diversificado e na formação integral dos estudantes. Essa abordagem não só fortalece as habilidades de letramento, mas também contribui para o desenvolvimento socioemocional e cultural dos jovens, preparando-os para os desafios da vida contemporânea.

### 3 O LETRAMENTO LITERÁRIO

O letramento é um conceito essencial na compreensão da formação do leitor, principalmente no contexto da literatura infantojuvenil. O conceito de letramento é amplo e vai além da simples habilidade de ler e escrever. Ele envolve a capacidade de utilizar a leitura e a escrita de maneira funcional e crítica em diferentes contextos sociais. Refere-se, também, à capacidade de compreender e produzir textos, interpretar informações e se comunicar de forma eficaz no mundo contemporâneo. Ele abrange aspectos cognitivos, sociais e culturais, sendo essencial para a plena participação do indivíduo na sociedade. A pesquisadora Magda Soares define as práticas de letramento como “[...] consequência da necessidade de destacar e claramente configurar, nomeando-os, comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e/ou a escrita estejam envolvidas” (Soares, 2017, p. 98).

O letramento literário é um desdobramento do letramento e foca na interação do estudante com textos literários e no modo singular de se construir sentidos a partir da linguagem literária. Esse letramento é um processo de apropriação da literatura

enquanto linguagem. Em um processo contínuo, começaria ainda com as cantigas de ninar apresentadas ao bebê e continuaria por toda a vida do indivíduo, a cada novo texto lido. Esse letramento envolve a apreciação e a interpretação de obras literárias, como romances, poemas, contos, crônicas e peças de teatro. Ele não se restringe à decodificação de palavras, mas promove uma leitura mais profunda e reflexiva, incentivando os leitores a explorarem temas, personagens, estruturas narrativas e a estética de um texto literário. O letramento literário promove benefícios como desenvolvimento cognitivo, empatia, compreensão cultural, criatividade, valorização da linguagem e formação de identidade. No contexto pedagógico, estimular o letramento literário é essencial para a formação de leitores críticos e engajados, capazes de utilizar a literatura como uma ferramenta para a compreensão do mundo e de si mesmos. Desse modo, o letramento literário não só enriquece a experiência individual do aluno, mas também contribui para uma sociedade mais reflexiva e culturalmente rica.

Ainda segundo Cosson (2022),

Na prática pedagógica, o letramento literário pode ser efetivado de várias maneiras, mas há quatro características que lhe são fundamentais. Em primeiro lugar, não há letramento literário sem o contato direto do leitor com a obra, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias. Depois, o processo do letramento literário passa necessariamente pela construção de uma comunidade de leitores, isto é, um espaço de compartilhamento de leituras no qual há circulação de textos e respeito pelo interesse e pelo grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras. Também precisa ter como objetivo a ampliação do repertório literário, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios. Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário.

A literatura infantojuvenil contemporânea pode desempenhar papel crucial na promoção do letramento literário, oferecendo textos que são acessíveis e atraentes para os jovens leitores. Esses textos são frequentemente ricos em elementos visuais, narrativas envolventes e temas que refletem vivências e desafios da infância na atualidade, contribuindo para a formação de identidades. Esses textos literários, assim como os clássicos, permitem que os jovens explorem diferentes perspectivas e culturas, desenvolvendo empatia e uma compreensão mais ampla do mundo na atualidade. Além disso, a identificação com personagens e situações pode promover o desenvolvimento emocional e social.

### 3.1 O PROFESSOR LEITOR E MEDIADOR DE LEITURA

Os mediadores de leitura são aqueles que criam condições para que indivíduos se encontrem com o livro, criando sentido para a leitura e impulsionando o hábito de ler. Sendo assim, é preciso considerar que não estão somente na escola, mas em diversos espaços, criando pontes entre as pessoas e a leitura literária.

No contexto da formação do leitor crítico nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o papel do professor como leitor e mediador de leitura é fundamental. De acordo com Solé (1998, p. 172), “Aprender a ler requer que se ensine a ler. O modelo de leitor oferecido pelo professor e as atividades propostas para o ensino e a aprendizagem da leitura não são um luxo, mas uma necessidade”. Sendo assim, o professor deve ser além de incentivador, um modelo de leitor para seus alunos. O professor leitor não apenas ensina, mas também serve como um modelo de comportamento leitor para seus alunos. Ao demonstrar entusiasmo pela leitura e conhecer uma ampla variedade de gêneros e autores, especialmente da literatura contemporânea, o professor inspira seus alunos através de seu exemplo pessoal. O professor que lê regularmente e compartilha suas experiências de leitura com os alunos atua como um modelo a ser seguido. Quando os alunos veem seu professor lendo e apreciando a literatura, tendem a valorizar mais a leitura. Além disso, estar atualizado com novas publicações permite que o professor selecione textos relevantes e interessantes, aumentando o engajamento e a motivação dos alunos para ler.

Segundo Altenfelder (*apud* Garcia, 2007. p. 100),

Mediador não é aquele que lê para o outro, mas o que lê com o outro, assumindo ao mesmo tempo uma postura instigante e disponível. Instigante porque, ao formular previsões e perguntas sobre o texto lido, promover a troca de ideias, impressões e sensações, aproxima o leitor do texto e desperta seu desejo de ler. Disponível porque é fundamental, a ideia da gratuidade, de não se pedir nada em troca, não cobrar resumo ou respostas pontuais sobre o que se leu.

Entende-se que a formação do leitor pressupõe a ação de um mediador que lê junto, exercitando estratégias de leitura próprias do universo da linguagem literária. O papel do professor como mediador de leitura envolve facilitar a interação dos alunos com os textos de maneira que se promova o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica e interpretação. O mediador de leitura desempenha funções essenciais, como a seleção cuidadosa de obras que estimulam o pensamento crítico e a contextualização dos textos antes da leitura. Ao atuar como leitor e mediador de leitura, o professor contribui significativamente para a formação do leitor crítico. Ele não apenas desperta o interesse e o prazer pela leitura, mas também desenvolve habilidades cognitivas e reflexivas nos estudantes. A literatura infantojuvenil contemporânea oferece um vasto campo para o desenvolvimento dessas competências, com sua diversidade de temas e estilos. Com o apoio de um professor que seja tanto um leitor apaixonado quanto um mediador competente, os alunos têm maiores chances de se tornarem leitores críticos e engajados, preparados para interpretar e questionar o mundo ao seu redor.

#### 4 A LITERATURA INFANTOJUVENIL CONTEMPORÂNEA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Segundo pesquisas de Lajolo e Zilberman (1984, p. 46) sobre a história da literatura infantojuvenil em nosso país, “Na década de 20, destacam-se, dentre as criações de autores nacionais, quase solitárias, as obras de Lobato”. Monteiro Lobato (1882-1948) abre caminhos no Brasil do século XX para o movimento da literatura produzida para jovens leitores, que iria se tornar mais evidente somente a partir da década de 70. Entre nomes importantes da literatura infantojuvenil contemporânea brasileira estão Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos de Queirós, Eva Furnari, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Pedro Bandeira, Ruth Rocha e Ziraldo.

Um livro de literatura infantojuvenil constitui uma forma de comunicação que prevê faixa etária específica para o possível leitor (entre 5 e 13 anos), atendendo suas especificidades como interesses e respeitando suas possibilidades cognitivas. Desse modo, a estrutura do texto, a linguagem e os temas abordados devem permitir que os jovens leitores atribuam sentido ao que leem.

A literatura infantojuvenil desempenha um papel fundamental na formação de leitores críticos desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Ela não apenas entretém, mas também educa, promove valores, estimula a imaginação e incentiva o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. A literatura infantojuvenil se destina a crianças e jovens adolescentes, abrangendo uma ampla gama de obras e de diferentes gêneros, como contos, crônicas, fábulas, poemas, romances e histórias em quadrinhos. Esses textos são caracterizados por uma linguagem acessível, temas relacionados à infância contemporânea e por uma estrutura narrativa que facilita a compreensão e o engajamento dos leitores.

As obras, escritas para diferentes públicos, carregam aspectos estruturais diferentes. Imagens, vocabulário e complexidade da discussão de temas devem ser adequados para atender o público-alvo do texto literário. Isto porque tanto a criança quanto o adolescente podem enfrentar dificuldades para construir o sentido de uma obra literária. Assim, adultos podem ler e amar livros infantis, mas o público da literatura infantojuvenil não conseguiria ler obras escritas para o público adulto. Todavia, vale ressaltar que todos os temas podem ser abordados pela literatura infantil, inclusive alguns mais complexos, como a morte. Nesse caso, a questão determinante não é o conteúdo, mas sim a linguagem utilizada.

A literatura infantojuvenil contemporânea abrange obras produzidas do final do século XX até os dias atuais. Essas obras refletem as mudanças sociais, culturais e tecnológicas do mundo e abordam uma variedade de temas, desde questões universais como amizade, família e ética, até tópicos mais complexos e atuais como diversidade, inclusão e meio ambiente. Destaca-se pela diversidade de estilos e narrativas, ilustrações inovadoras e narrativas em formatos interativos, dialogando com as novas formas de comunicação dos jovens leitores.

A formação do leitor crítico envolve a capacidade de analisar, interpretar e questionar textos, desenvolvendo habilidades que vão além da simples decodificação de palavras. Nesse cenário, a literatura infantojuvenil contemporânea contribui

significativamente, pois oferece textos que desafiam os jovens leitores a refletirem sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor.

O Brasil possui acervo rico de literatura infantojuvenil, com vários autores renomados e obras que são exemplos de como a literatura dos dias atuais pode desempenhar um papel essencial na formação de leitores críticos, fornecendo textos que desafiam, encantam e educam, preparando os jovens para uma participação ativa e consciente na sociedade.

#### 4.1 ANA MARIA MACHADO: TRAJETÓRIA PREMIADA COMO AUTORA DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

Ana Maria Machado nasceu no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1941. Com formação em Arte e em Letras, atuou como professora na Educação Básica e no Ensino Superior. Também trabalhou como jornalista, até que em 1980 resolveu se dedicar exclusivamente a seus livros. De 1964 a 1984, período da ditadura militar, foi exilada, vivendo na Europa. Em parceria com Maria Eugênia Silveira, abriu a livraria Malasartes, primeira livraria infantil brasileira, que dirigiu por 18 anos. Em 2003, foi a primeira autora de livros infantis a ser eleita para compor a Academia Brasileira de Letras, instituição que presidiu de 2012 a 2013. Recebeu muitos prêmios, dentre eles, 3 Jabutis, o Machado de Assis e o internacional Hans Christian Andersen, considerado o mais importante para a literatura infantojuvenil. Possui uma vasta obra, com mais de 100 livros publicados, muitos deles traduzidos em diversos países. É conhecida por abordar temas complexos (como identidade, memória e relações familiares) de modo acessível, promovendo a imaginação e o pensamento crítico entre os jovens leitores. Suas histórias são marcadas por uma linguagem poética, sensível e rica em sentidos, que têm marcado gerações de leitores.

Em entrevistas, Ana Maria Machado relata que se formou leitora ainda na infância, ouvindo histórias. Segundo a autora, o exemplo de leitores experientes, ou seja, a convivência com pessoas que leem e valorizam a leitura, sempre será o maior estímulo que uma criança pode ter para ler também.

O premiado *Bisa Bia, Bisa Bel*, escrito em 1981 é considerado um dos maiores clássicos da literatura infantojuvenil brasileira, com mais de 500.000 exemplares vendidos em diversos países. No livro, que pode ser classificado como novela, a narradora-personagem, a menina Isabel ou Bel, depara-se numa faxina realizada pela mãe com uma foto antiga de sua bisavó ainda criança, a Bisa Beatriz ou Bisa Bia. Começa ali um convívio imaginário com o passado. Mas logo, encontram-se três gerações, pois a futura bisneta de Bel também entra em cena, a Neta Beta. Nas conversas e brincadeiras, que entrelaçam passado, presente e futuro, surgem divergências de ideias e o leitor vai percebendo e refletindo acerca de mudanças que ocorrem em relação ao papel da mulher na sociedade brasileira, como instiga o trecho selecionado a seguir

- Isso é verdade – disse Neta Beta. – Mas os nossos palpites são tão diferentes... Como é que ela vai saber quem tem razão?

Essa é uma coisa, por exemplo, em que Neta Beta tem toda razão.

Impossível saber sempre qual o palpite melhor. Mesmo quando eu acho que minha bisneta é que está certa, às vezes meu coração ainda quer-porque-quer fazer as coisas que minha bisavó palpita, cutum-cutum-cutum, com ele. Mas também tem horas em que, apesar de saber que é tão mais fácil seguir os conselhos de Bisa Bia, e que nesse caso todos vão ficar contentes com meu bom comportamento de mocinha, tenho uma gana lá de dentro me empurrando para seguir Neta Beta, lutar com o mundo mesmo sabendo que ainda vão se passar muitas décadas até alguém me entender (Machado, 2021, p. 53).

Ao longo da narrativa, Bel confronta suas vontades tanto com as de Bisa Bia quanto com as de Neta Beta e assim vai encontrando um equilíbrio, encontrando oportunidade para pensar sobre o mundo, sobre si mesma e sua identidade. Portanto,

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação (Rosenfeld, 1976, p. 39).

#### 4.2 EVA FURNARI: A ESCRITA E A ILUSTRAÇÃO EM UM MESMO CALDEIRÃO CRIATIVO

Eva Furnari nasceu em Roma, na Itália, em 15 de novembro de 1948, mas reside no Brasil, em São Paulo, desde os 2 anos de idade. Desde bem pequena gostava muito de desenhar. Formada em Arquitetura e Urbanismo atuou como professora de Artes no Museu Lasar Segall e como desenhista em diversas revistas, mas se tornou conhecida por seus livros ilustrados. Durante quatro anos publicou semanalmente histórias da sua personagem mais conhecida e querida, a Bruxinha, no suplemento infantil do jornal *Folha de S. Paulo*. Combina humor e criatividade em suas narrativas, estimulando a imaginação e o senso de humor das crianças. Tem mais de 70 livros publicados e suas obras foram traduzidas em vários países. Recebeu de 1981 a 1983, seguidamente, o prêmio concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), pelo melhor livro de imagem. Em 1993, foi agraciada com o seu primeiro, de um total de 7 Prêmios Jabutis.

*Felpe Filva* foi lançado em 2007, conquistando naquele ano o Prêmio Jabuti na categoria Melhor Livro Infantil, a mais tradicional premiação do contexto literário brasileiro. O protagonista é um coelho poeta, solitário e diferente, que sofre com as zombarias dos colegas, pois tem orelhas de tamanhos desiguais. Charlô é leitora dos textos de Felpe, mas não é uma leitora passiva. Assim, ambos, Felpe e Charlô, escritor e leitora, como sujeitos ativos, em condições sócio-históricas definidas, interagem. Charlô é uma fã, mas faz críticas ao tom pessimista dos poemas de Felpe, sugerindo mais otimismo.

Prezado Senhor Felpe Silva  
Meu nome é Charlô e admiro demais o seu talento e os seus poemas, mas, se me permite, tem algunzinhos deles que eu não gosto nem um pouco. Sinceramente, eu discordei da história do poema da Princesa do avesso! Cruz-credo, que final pavoroso!  
[...]Desculpe, senhor poeta, mas essa sua história é muito pessimista! Odiei esse final triste e dramático. Veja, eu fiz a continuação e mudei o destino dos pobres coitados (Furnari, 2021, p. 10-11).

De início, Felpe se irrita, mas, à medida que conversam, alcançam um entendimento mútuo. O trabalho, em ambiente escolar, que tem por intenção formar leitores, não pode perder de vista o quão importante é que o leitor emita opiniões sobre as obras lidas, questione posicionamentos de autores e enredos, assumindo postura ativa diante do texto.

No livro, para contar a história de Felpe, a autora combina vários textos, de diferentes gêneros textuais, como poema, fábula, carta, manual, bula, receita, lista e até autobiografia. Assim ensina os pequenos leitores sobre o quanto a escrita está presente e é significativa em nossas vidas.

As ilustrações do livro, que também são de Eva Furnari, são relevantes e representam um diferencial para a compreensão do enredo. Com um toque de humor, o texto oferece lições valiosas, entre elas reflexões sobre como lidar com críticas, sobre empatia e aceitação das diferenças.

#### 4.3 RUTH ROCHA: RESPEITO À INFÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA

Ruth Rocha, nascida em São Paulo, na Vila Mariana, em 2 de março de 1931, é uma das mais importantes autoras de literatura infantojuvenil do Brasil. Formada em Ciências Políticas e Sociais, atuou como professora e como jornalista. Ao longo de sua carreira literária, escreveu mais de 200 livros e já foi traduzida para 25 idiomas. Em 2008, foi eleita membro da Academia Paulista de Letras. Foi agraciada com diversos prêmios, dentre eles 8 Jabutis. Defensora dos direitos das crianças, escreveu, em parceria com Otávio Roth, a Declaração Universal dos Direitos Humanos para Crianças, lançada em 1988 na sede da ONU, nos Estados Unidos. Com linguagem poética e bom humor, os textos de Ruth Rocha revelam um profundo respeito pela infância e fazem com que as crianças questionem o mundo e a si próprias.

Entre os sucessos assinados por Ruth Rocha está o clássico infantil *Marcelo, Marmelo, Martelo*, lançado originalmente em 1976. A obra, que já vendeu mais de um milhão de exemplares, apresenta ao leitor um menino questionador chamado Marcelo, que inventa novas palavras lidando com questões ligadas à morfologia, formação de palavras e semântica. O texto instiga crianças a pensarem sobre os nomes que as coisas recebem, conforme ilustra o trecho a seguir:

— Sabe, papai, eu acho que o tal de latim botou nome errado nas coisas. Por exemplo: por que é que bola chama bola?

- Não sei, Marcelo, acho que bola lembra uma coisa redonda, não lembra?
- Lembra, sim, mas... e bolo?
- Bolo também é redondo, não é?
- Ah, essa não! Mamãe vive fazendo bolo quadrado... (Rocha, 1995, p. 12).

No texto, percebe-se a voz da criança que indaga, de modo crítico, o porquê de as coisas muitas vezes não combinarem com os nomes que têm. Ou seja, Marcelo busca respostas para a existência ou não de um vínculo lógico entre o nome e a coisa, questionando convenções de linguagem e criando até mesmo neologismos:

- Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim (Rocha, 1995, p. 13).

Possivelmente, durante a leitura da obra, muitas crianças se sentirão representadas por Marcelo, pois é comum que sejam curiosas e que passem inclusive por uma fase de “porquês”, questionando adultos sobre o mundo e o seu funcionamento. De fato, a leitura literária deve conduzir o leitor para uma melhor compreensão da realidade e apoiar o desenvolvimento de sua criticidade em relação a temas que permeiam o mundo e a sociedade.

## 5 PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Paulo Freire (2011) considera a leitura como ato que impulsiona a consciência crítica e a emancipação dos indivíduos. Nesse sentido, pondera ser favorável que, para iniciantes, a leitura se conecte com o universo e com as vivências do leitor. Atendendo a esse princípio, as práticas pedagógicas devem envolver a leitura dialógica, em que o professor apoia os estudantes a relacionarem suas experiências com enredos, personagens e contextos das obras literárias. Para o autor, esse processo não apenas aumenta o engajamento, mas também promove a leitura crítica, com reflexões sobre questões sociais e culturais presentes no texto e na realidade.

Silva (2009) argumenta que a leitura literária amplia o repertório cultural e abre portas para outras formas de leitura do mundo. Assim, a prática pedagógica sugerida pela pesquisadora envolve a exploração de diversos gêneros de texto e atividades de comparação entre textos literários e jornalísticos, ou entre livros e adaptações cinematográficas, colaborando para que as crianças reconheçam o diálogo da literatura com outras linguagens e perspectivas.

Bortoni-Ricardo *et al.* (2012) enfatiza a ideia do professor como mediador que deve proporcionar oportunidades para que os alunos vivenciem a literatura de forma

crítica, incentivando-os a questionar e interpretar o texto para além da superfície. Assim, recomenda atividades que integrem leitura compartilhada, debates e análise coletiva das obras, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão crítica do texto.

Menin *et al* (2010) apresenta estratégias para o desenvolvimento de habilidades de compreensão textual e análise crítica. Práticas pedagógicas fundamentadas neste referencial incluem o uso de perguntas investigativas, inferências e previsões, bem como a identificação de temas e padrões literários nas obras. A aplicação dessas estratégias permite que os alunos aprendam a construir significados com base nas entrelinhas do texto e a avaliar diferentes perspectivas, por meio de uma leitura ativa e consciente.

Zilberman (1994) aponta a literatura infantil como uma ferramenta central para a formação do leitor e responsabiliza a escola pela introdução de obras literárias de qualidade e pela criação de um vínculo positivo com a leitura. Assim, prevê que o professor faça uma seleção criteriosa de obras com temas relevantes ao universo infantojuvenil e a realização de atividades diversificadas que integrem leitura, dramatização e expressão artística. Essas práticas favorecem o desenvolvimento da empatia, da imaginação e do senso crítico, aspectos essenciais na formação do leitor autônomo e crítico.

Segundo Baldi (2009, p. 8),

É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas.

Práticas significativas que envolvam o texto literário devem fazer parte do cotidiano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Entretanto, por vezes, nesse nível de ensino, as práticas podem se limitar à leitura silenciosa ou à avaliação da leitura em voz alta. Outras vezes, leituras realizadas podem servir apenas como pretexto para a aprendizagem de temas ou até mesmo de aspectos gramaticais. Há ainda as previsíveis fichas de leitura que são comumente solicitadas após a leitura de um livro. Assim, alguns estudantes passam a reconhecer a leitura como uma obrigação escolar, não alcançando uma boa compreensão dos textos, nem estabelecendo a atividade de leitura como significativa e prazerosa. O mediador, envolvido em um processo de formação da criança leitora, deve reconhecer a natureza específica da literatura e optar por estratégias didáticas que permitam ao estudante ler e dialogar com as nuances e significados dos textos.

As práticas pedagógicas que envolvem a literatura devem ser lúdicas, envolventes e atrativas, para que estimulem a curiosidade das crianças e fortaleçam seu interesse pelo exercício da leitura. É importante se atentar para a realização de atividades de leitura na biblioteca da escola, que deve ser ambiente confortável e contar com livros diversos e em boas condições. Na biblioteca “[...] alunos e professores devem viver momentos muito especiais, de encontros e reencontros com seus autores ou textos preferidos, criando e mantendo uma relação de respeito e valorização pelo livro, pela

leitura e pelo conhecimento em geral” (Baldi, 2009, p. 17). Ressalta-se também a necessidade de considerar outros espaços físicos da escola e de seu entorno como convidativos e favoráveis para a realização de atividades de formação dos leitores como rodas e clubes de leitura e cantinhos de leitura.

### 5.1 OFICINAS DE LEITURA

Dentre as inúmeras atividades disponíveis para práticas de formação do leitor, destaca-se, neste estudo, a oficina de leitura. A palavra oficina vem do latim, remetendo a uma aproximação entre experiência e pensamento, jogo e trabalho. Assim, a oficina é uma metodologia que se baseia no princípio do aprender fazendo e que valoriza os saberes e interesses das crianças. Além disso, durante a realização de oficinas, o educador encontra espaço dinâmico, flexível e eclético para a utilização de diferentes e criativas estratégias.

Solé (1998), Saraiva (2001) e Lemov (2011) propõem duração e estrutura relativamente comum para as oficinas de leitura, com atividades anteriores à leitura (atividades introdutórias à recepção do texto), atividades realizadas durante a leitura (atividades de compreensão do texto) e atividades posteriores à leitura (atividades de transferência e aplicação da leitura). É preciso ressaltar que a existência de roteiros de trabalho não significa a rigidez de um único caminho definido inicialmente. Nesse sentido, o roteiro “É uma demonstração preliminar daquilo que pode vir a ser feito” (Saraiva, 2001, p. 85). Portanto, as expectativas, reações e questionamentos dos participantes de uma oficina devem ser considerados e podem redimensionar o planejamento do professor.

As atividades planejadas para o momento anterior à leitura de uma obra literária devem ter por intenção mobilizar a classe para o que será realizado, dando clareza acerca de objetivos e fazendo com que os alunos se sintam motivados para a leitura do texto. Esse momento possibilita, ainda, a ativação de conhecimentos prévios do grupo e o estabelecimento de hipóteses e previsões sobre o texto. Tais previsões e questionamentos formulados irão manter o leitor envolvido na leitura e irão contribuir para a compreensão. O professor deverá utilizar sua criatividade para elaborar atividades pertinentes a essa etapa.

Ao longo da leitura, segundo momento da oficina, as crianças deverão continuar a formulação de inferências sobre o texto, esclarecendo possíveis dúvidas, completando lacunas decorrentes de problemas na compreensão das palavras, frases e de relações entre as frases. Os bons leitores, à medida que leem, sintetizam a informação. Nessa etapa, o professor ensina comportamentos leitores e estratégias de leitura. Segundo Saraiva (2001, p. 86), “[...] para o sucesso da realização das tarefas, é necessário que o professor atue como mediador, ajudando os alunos a ampliarem sua competência linguística e circunstancial, bem como sua capacidade de construir pressuposições.” Sendo assim, tarefas de leitura compartilhada podem ser consideradas ocasiões privilegiadas para que os alunos reconheçam e experimentem estratégias úteis para compreender textos. Também é um meio para que o professor realize uma avaliação formativa da leitura e possa realizar intervenções importantes. A ideia é que, a partir dessas vivências, os alunos apreendam comportamentos leitores e estratégias de leitura,

passando a atividades autônomas e independentes com textos. Depois da leitura, segundo Solé (1998), o leitor pode avaliar a obra e as atividades de compreensão já realizadas durante a leitura. As atividades planejadas nessa etapa devem proporcionar a identificação da ideia principal do texto, a elaboração de resumos e opiniões, e o estabelecimento de relações com outros textos já conhecidos e com a própria realidade. Doug Lemov (2011, p. 303), outro autor que defende essa organização para as vivências de leitura, ressalta que “Uma experiência positiva com um texto não acaba quando a leitura termina”. Assim, ações variadas e significativas devem ocorrer após a leitura dos textos como, por exemplo, produção de textos e ilustrações, organização de painéis, brincadeiras com a sonoridade das palavras, jogos dramáticos, releituras, execução de dobraduras, ou seja, atividades que lancem mão de diferentes modalidades de linguagem para promover a capacidade expressiva e comunicativa das crianças.

No decorrer de uma oficina, o estudante deve ser convidado para a descoberta de sons, imagens, sensações, reflexões e sentidos que constituem o texto literário. Ao educador, cabe a realização de intervenções que ampliem aspectos significativos do texto e que apresentem questões instigantes. É importante não perder de vista que não há incentivo maior para a leitura do que conviver com pessoas que leem por puro prazer, pois a criança percebe quando há sintonia entre o que o adulto diz e aquilo que ele faz. Por isso, o desafio do professor é experimentar livros com antecedência para depois dividir com seus alunos suas experiências de leituras.

Muitos materiais didáticos de leitura e estudiosos do letramento literário, como Silva (2009), propõem uma classificação dos leitores: leitores iniciantes, leitores em processo e leitores experientes. Acredita-se que esta ação é pertinente, de modo que o professor possa reconhecer a classe e acompanhar o crescimento do seu aluno-leitor, notar seus progressos e mapear suas dificuldades. Assim, um desafio dos professores é reconhecer o nível de leitura e interesses de seus alunos e distribuir, por ordem crescente de complexidade ou de estrutura estética, os livros nos anos de escolaridade. Ressalta-se que, mesmo que se levem alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois, para alguns textos, seremos sempre leitores iniciantes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme documentos orientadores oficiais como a BNCC (2017), um dos papéis essenciais da Educação Básica é formar leitores. Entretanto, por vezes, as instituições escolares não se propõem a um trabalho sistemático e significativo com a literatura. Por meio da leitura literária, o indivíduo pode elaborar uma visão mais ampla e completa de si, do outro e do ambiente em que está inserido. Assim, atividades estruturadas por professores mediadores de leitura a partir de obras de qualidade podem promover, para além do hábito e do prazer em ler, descobertas e reflexões pessoais acerca de valores, identidade e pertencimento. Nesse sentido, a literatura é não apenas um recurso pedagógico, mas também uma ferramenta para a construção de uma sociedade mais letrada, crítica e humanizada.

Os textos literários infantojuvenis contemporâneos, de modo particular, podem apoiar o desenvolvimento do pensamento letrado nos anos iniciais do Ensino

Fundamental, de modo que os jovens leitores se apropriem da linguagem dos textos literários. Desse modo, ocorre, ainda na infância, um aprimoramento de habilidades de compreensão leitora e da construção de sentidos. Neste cenário, são formados leitores que lançam mão da leitura como fonte de informação e de prazer, ampliando de modo contínuo seu repertório de gêneros literários, autores, ilustradores e também de recursos de linguagem.

A breve análise realizada de textos da literatura infantojuvenil brasileira contemporânea comprova que esses textos são capazes não apenas de estimular o interesse dos pequenos pela leitura, mas também de promover o desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas, de linguagem e ampliação do repertório cultural, incentivar a imaginação e a criatividade, além de abordar temas diversos (questões do cotidiano ou mais complexas e universais) de maneira acessível. Assim, podem ser considerados essenciais para a formação de leitores proficientes e críticos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A literatura de Ana Maria Machado, Eva Furnari e Ruth Rocha, utilizada a título de exemplo neste estudo, é rica em sentidos e sensações, favorecendo, desde bem cedo, uma aproximação das crianças com o texto literário, servindo como base para a formação de um hábito que deverá ser contínuo e transformador.

O professor mediador de leitura deve ser também modelo de leitor, um profissional que reconheça a literatura como oportunidade privilegiada para reflexões, aprendizagens e a formação do cidadão crítico. Para tanto, é importante que os educadores selecionem obras da literatura infantojuvenil adequadas ao nível de desenvolvimento das crianças, promovam atividades de leitura compartilhada e discussão e criem um ambiente que valorize a leitura como uma atividade prazerosa e enriquecedora. As práticas pedagógicas devem ser diversificadas, lúdicas e interessantes, realizadas em ambientes variados, como a biblioteca e espaços externos da escola, sempre aproximando o leitor do texto de forma natural e afetuosa.

O modelo de oficina de leitura sugerido, com organização em três etapas, com atividades anteriores à leitura, atividades durante a leitura e atividades posteriores à leitura, foi apresentado como opção metodológica para a abordagem do texto literário e formação de leitores nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tal caminho metodológico proporciona a realização de atividades diversificadas que aproximam a criança do rico e prazeroso universo literário.

Investigar como a literatura infantojuvenil contemporânea pode favorecer a formação de leitores é um campo de estudo relevante e pode oferecer contribuições valiosas para educadores, contribuindo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que incentivem o gosto pela leitura.

## REFERÊNCIAS

ALTENFELDER, Anna Helena. Verbete: mediador de leitura. In: GARCIA, Edson Gabriel (org.). GARCIA, Edson Gabriel (coord.). **Prazer em ler**: registros esparsos da emoção do caminhar nas lidas com a mediação da leitura. São Paulo: C&A/Cenpec, 2007. v. 2. p. 100.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**: uma proposta para formação de leitores de literatura. 2. ed. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris *et al.* **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FURNARI, Eva. **Felpe Filva**. São Paulo: Avalia Educacional, 2021.

GARCIA, Edson Gabriel (org.). **Prazer em ler**: registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura. São Paulo: C&A/Cenpec, 2007. v. 2.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história & histórias. São Paulo: Ática, 1994.

LEMOV, Doug. **Aula nota 10**: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência. Fundação Lemann. São Paulo: Da boa prosa, 2011.

LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor**: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MACEDO, Maria do Socorro A. Nunes (org.). **A função da literatura na escola**: resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. São Paulo: Salamandra, 2001.

MACHADO, Ana Maria; ROCHA, Ruth. **Contando histórias, formando leitores**. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2011. Coleção Papirus Debates.

MENIN, Ana Maria da C. S. *et al.* **Ler e compreender**: estratégias de leitura. 1º ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In: Candido et al. A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968. p. 6-40

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária e outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 8. ed. São Paulo: Global, 1994.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia**: ponto e contraponto. São Paulo: Global, 2008.